

O SONHO COMO VIAGEM...

Rita Gaspar Vieira, 2023

IN CASTELO, Marta, *Construção Contínua*, livro de fotografia/artista, Edição de Autor, Lisboa, 2023.

O tempo e a memória surgem como elementos para sonhar no projeto *Construção Contínua* de Marta Castelo. Nele, a artista recupera a ancestralidade do ‘saber fazer’ com recurso a diversos barros e ao tijolo, vinculando-se a um conhecimento passado de geração em geração para, dessa forma, potenciar a possibilidade de ultrapassar o tempo e o espaço, convidando-nos a ver, a tocar, a sentir e a emocionar. Interessa destacar que *Construção Contínua* é um registo, mediado por ela própria, da lembrança dos seus gestos, realizados numa viagem no tempo e na memória, que abarcam toda a sua vida e a pulsão da edificação da forma, que ali se faz desenho. Num livro, organizou uma leitura possível da sua odisseia pessoal. A artista registou fotograficamente uma sucessão de composições arquitectónicas que são também desenhos desenvolvidos no chão do seu atelier, realizados com elementos diversos entre si, na forma e na dimensão, modelados e construídos com tijolos e várias argilas, com diferentes cores terrosas, ora para se aproximar, ora para se distanciar do referido piso. O padrão nele inscrito pelo mosaico hidráulico antigo foi o mote para esta jornada.

A ideia de padrão convoca a ideia de *repetir para se reencontrar* — *apontando o sentido da viagem*. Destaco que este é um projeto que trata o processo, a busca, a procura e a demora, em detrimento da chegada.¹ Este pode até ser considerado

um trabalho sem tempo mensurável, numa morada carregada de memórias. Ao folhear o livro, podemos bater à porta do espaço de trabalho da Marta, como eu tive o privilégio de fazer. Nele, entre muitos objetos diversos, todos aproximados pela cor que prevalece na terra e no barro e pelas tonalidades que o próprio tempo faz aderir às matérias, podemos ouvir/ver a artista e também descobrir a menina que ainda ali brinca, com a frescura, a liberdade e a espontaneidade que lhe são próprias. É que, neste projeto, a Marta trabalhou um lugar que, sendo atualmente o seu atelier, foi outrora a loja do seu avô, onde ela experimentou jogar com as formas, as cores, as imagens, os sons, os cheiros e as emoções, iniciando ali o seu ‘desenho sem tempo’ — a sua *Construção Contínua* — ainda sem saber que o poderia estar a fazer. Nele, a Marta convocou para o seu discurso artístico a ancestralidade que, implicando antepassados, antecessores ou o que se recebeu das gerações anteriores, surge neste contexto. Essa ancestralidade está nos gestos da artista, que recuperam os dos seus e nossos antepassados, que modelaram, construíram, gravaram e guardaram na argila formas e ideias que fizeram chegar até nós; é também alusiva à sua história de vida pessoal e memória individual, como anteriormente referido. A narrativa da hereditariedade implica, neste caso, uma viagem artística que se faz sem tempo e sem espaço definidos ou estabilizados, porque os gestos da artista, aqueles que reencontramos aparentemente ordenados pela série das páginas do livro, repetem-se e prolongam-se nas fotos e, sabemos agora, também no seu lugar de origem. O atelier e os desenhos com formas de argila surgem expandidos e reordenados em cada abertura deste livro, que regista a memória destes movimentos da artista porque, de cada vez que abrimos o livro, reencontramos um desses dias, ou vários deles, e nunca sabemos em que parte da viagem nos podemos encontrar. A Marta mima-nos ao convidar-nos a entrar nesta aventura. O atelier é o lugar, a morada da jornada sem tempo, e

aquele chão, que foi apenas um ponto de partida, é redesenhado a cada nova abertura de uma das páginas do referido livro.

Por outro lado, esta é ainda uma narrativa relativa à memória comum coletiva da nossa aproximação, como grupo humano, à natureza e ao uso dos recursos naturais que ela nos proporciona, concretamente, para a realização de formas capazes de responder a necessidades vitais como a da alimentação, da habitação ou da própria preservação da memória. Como referiu Sidarta Ribeiro

No início era a saudade. Ancorado nos sonhos, o ritual funerário que começou no Paleolítico, há centenas de milhares de anos, tornou-se mais complexo ao longo dos milénios até ao final do Neolítico. De pequenos amontoados de pedras e conchas, no início da Idade do Bronze, os nossos antepassados chegaram à escala colossal das pirâmides e dos zigurates.²

E, no contexto da importância desta preservação da memória ao longo do nosso processo evolutivo, após a invenção da escrita, destacam-se os cilindros sumérios de argila, gravados pelo rei Gudea da Suméria (c.2144-2124 a.C.), com inscrições cuneiformes que representam os mais antigos e longos registos escritos da humanidade, que eram relativos aos sonhos dos membros da elite governante, realizados com propósitos políticos e religiosos.³ O uso dos sonhos para a comunicação entre os deuses e os governantes ou pessoas destacadas nas comunidades foi transversal entre várias culturas e dilatou-se no tempo.

No campo da arte, o sonho e a imaginação constituem possibilidades de ultrapassar o tempo e o espaço para ligar ou aproximar diferentes dimensões. O projeto da Marta, e o modo como nele inclui o uso da argila, pode ser entendido como um processo para alcançar um lugar do sonho, onde ela começou a sua construção que não mais cessa. Em *Construção Contínua*, a emoção surge como um elemento dinâmico de transformação,

no sentido em que nos envolve e mobiliza.⁴ Não precisamos de conhecer a história de vida e de uso do seu atelier para sermos envolvidos na descoberta dos desenhos em tijolo e terra e das relações possíveis de acordo e de desacordo que a artista nele ensaiou. O processo enunciado é o da aproximação a uma possível forma e a um eventual desenho que se faz no espaço e com o espaço e a uma verdade interior, que se faz visível por 'tentativa-erro'. A falha surge nele como parte do ato criativo, atestando a sua condição de humanidade nesta busca de valores primordiais, como o da valorização dos recursos naturais ou o da problematização da sua finitude.

A Marta usa o desenho de si para si, como evidenciação, designação ou 'desígnio' de um desejo de procura interior, no sentido referido por Jean-Luc Nancy, quando afirma que

O desenho executa o gesto do seu desejo. Pense-se em tudo o que foi possível desenhar da coisa chamada "mão", daquela que chamamos "circular", daquelas que não sabemos nomear e que são modos de andar, flexões, saídas, posturas, fluxos, torsões, etc: trata-se sempre do desejo de formar mais de uma verdade, ou então, se se preferir, de formar mais de um sentido cuja verdade "última" se limita sempre a ser a interrupção e a suspensão na borda da obra.

Ao desenhar-se, esse desejo confirma-se como prazer.⁵

Na obra da artista, a mão é um elemento fundamental, porque constrói, modela, distribui, associa, agrupa, arredonda, marca e segue o que está marcado, ordenando e também destruindo essa ordem para a reconfigurar e assim voltar a rever os primeiros dias da sua vida, nos quais o lugar se fazia de outras tarefas, se enchia de outras vozes e o seu avô lhe dava a mão para ela seguir vivendo. Seguindo, a Marta pede hoje a noção de *disegno*⁶ a Vasari para fundamentar a atividade artística além da dimensão artesanal e, levando na bagagem esse saber ligado a uma

manualidade, deslocaliza-o para o reposicionar neste lugar ensaístico em que a imagem é já memória do intervalo onde cabem os seus gestos, as formas, os seus desenhos e o tempo em que sonhou todo este caminho. Todos os dias a Marta procura, sem olhar para as horas ou para o calendário que as tenta organizar, prolongar o gesto de ontem para o reencontrar e o continuar amanhã. A marca dessa busca, podemos pressenti-la neste livro, que prova a veracidade desta viagem imensa, da qual só podemos participar se a imaginarmos.

1. Cf. Ortega & Gasset (1989). *A Rebelião das Massas*. Lisboa: Ed. Relógio d'Água (Col. Antropos), p. 45.
2. Sidarta Ribeiro (2019). *O oráculo da noite. Uma história da mente humana através da ciência dos sonhos*. Lisboa: Penguin Random House, p. 73.
3. Cf. Sidarta Ribeiro, *idem*, p. 66.
4. Cf. G. Didi-Huberman (2016). *Que emoção! Que emoção?* São Paulo: Editora 34, p. 44.
5. Jean-Luc Nancy (2022). *O prazer no Desenho*. Lisboa: Fundação Carmona e Costa, Sistema Solar (Chancela Documenta), p. 30.
6. Cf. Jean-Luc Nancy, *idem*, p. 94.